

APONTAMENTOS SOBRE A POLIGRAFIA DO VISCONDE DE TAUNAY

Maria Lúcia Lichtscheidl MARETTI

As observações que desenvolvo aqui foram pensadas de modo a dar uma idéia genérica do texto de minha tese, intitulada *Um polígrafo contumaz (o Visconde de Taunay e os fios da memória)*¹, e ao mesmo tempo indicar os caminhos que ainda pretendo seguir como continuidade a este projeto. A tese é, portanto, parte do que pretendo realizar com o extenso material recolhido e apresentado em minha bibliografia.

Começo citando um parágrafo de que gosto muito:

"Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas conseqüências, por mais rapidamente esquecido que possa ser depois de sua aparição, por pouco entendido ou mal decifrado que o suponhamos, por mais rápido que possa ser devorado pela noite, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido conseguem esgotar inteiramente. Acontecimento estranho, certamente: em primeiro lugar, porque está ligado por um lado a um gesto de escritura ou à articulação de uma fala (*parole*), mas que, por outro lado, abre a si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória ou na materialidade dos manuscritos, dos livros, e não importa de que formas de registro; em seguida, porque é único como qualquer acontecimento, mas que se oferece à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque é ligado ao mesmo tempo a situações que o provocam, e a conseqüências que incita, mas

(1) Tese de doutorado defendida em 19 de dezembro de 1996, junto ao programa de pós-graduação em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob o orientação do prof. Francisco Foot Hardman.

também, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem."²

Cito Foucault porque ele diz muito do espírito que presidiu meu trabalho a propósito dos escritos de Taunay: a importância do enunciado em seu caráter de *acontecimento* é aqui acentuada, apesar de eventuais qualidades a ele atribuíveis, tais como a banalidade, a falta de importância, a efemeridade, a incompreensão, e, sobretudo, talvez, a impossibilidade de esgotar o seu sentido. E também porque é possível tributar-lhe razões para considerá-lo estranho, dadas as ambigüidades/posições com que pode ser encarado: na efemeridade da fala e na permanência dos registros da memória, na sua singularidade e na sua capacidade de ser reativado e eventualmente transformado e, enfim, nas possibilidades de ser considerado a partir das condições de sua produção, ou, por outro lado, nas ligações que entretém com outros enunciados, que o precedem e o seguem.

Cada uma dessas considerações foucaultianas a propósito do enunciado como acontecimento me faz lembrar esta ou aquela parte de minha tese: é possível, por exemplo, considerar as diferenças de importância entre enunciados como o romance *Inocência* (1872) e uma fala efêmera e transitória como a contida nas "Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristovão Colombo, no Pão de Açúcar", retirada da ata de uma reunião do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocorrida em 1890³. Ou mesmo, na leitura que faço do romance *A mocidade de Trajano*, de 1871, em que não deixo de considerar as condições em que foi escrito ou as ligações que entretém com *O moço loiro*, de 1845, do mestre Joaquim Manuel de Macedo - encarado como um enunciado que o precede, e com o capítulo III de *Inocência*, visto como o enunciado que o segue, segundo as palavras de Foucault. Ou ainda, de um lado, este ou aquele discurso pronunciado no parlamento, revelando sempre a habilidade e a perspicácia do seu autor no confronto com o adversário e, de outro, uma das suas comédias escritas e nunca encenadas.

A propósito destas considerações, aliás, faço aqui um parêntese para expor uma das minhas pretensões quanto à continuidade que quero dar a esse projeto: trata-se do estudo do que chamo de manifestações anticlericalistas do escritor, apenas esboçado e sugerido na tese. Baseio-me em uma sugestão dada pelo narrador de *Inocência*, que em seu capítulo III teria

(2) FOUCAULT, Michel - "Sobre a arqueologia das ciências; resposta ao círculo epistemológico". In: FOUCAULT, Michel *et alii* - *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1971, pp. 23-4.

(3) TAUNAY, Visconde de - Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristovão Colombo, no Pão de Açúcar. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 441-4, 1890.

dado uma resposta irônica - mas agonizante - às restrições que o autor sofreu ao seu primeiro romance, *A mocidade de Trajano*, supostamente por ter "exagerado" em suas tintas anticlericais. O capítulo interrompe o andamento linear da narrativa para recuperar em *flashback* a história pregressa de Cirino, namorado de Inocência. Refiro-me ao "pesado gracejo póstumo" feito pelo padrinho de Cirino aos padres do colégio Caraça, aos quais havia legado uma biblioteca composta de autores justamente anticlericais e antireligiosos, quando estes padres esperavam um pagamento rendoso para os anos de estudo de Cirino na instituição. Volney, Voltaire, Pigault-Lebrun, Parny e o marquês de Sade, entre outros, comparecem incisivamente, de modo a marcar a irreverência acintosa do testador. Uma abordagem mais detalhada deste capítulo (nunca antes mencionado nestes termos pela crítica literária), assim como da repercussão tida pelo primeiro romance de Taunay, juntamente com o estudo da importância histórico-cultural dos autores mencionados - todos do século iluminista-anticlerical francês - terão o propósito de desenvolver a análise da função textual do anticlericalismo em Taunay.

Por outro lado, quero lembrar também alguns dos momentos decisivos e cruciais deste trabalho. Um deles, original e determinante de minha decisão de estudar Taunay, foi a descoberta do *Formica leo*. Refiro-me especificamente à mistura de sentimentos com que me vi atingida - perturbação, desafio, dúvida - ao ler pela primeira vez o trecho de suas *Memórias* em que Taunay descreve e narra minuciosamente as atividades "bélicas" da larva do inseto que tem esse nome. Lembro este trecho porque o considero capaz não só de ilustrar, mas também de justificar muito do que foi o meu trabalho até aqui. Em primeiro lugar, a sua importância vem do fato de ser exemplar de uma atuação conhecida, prezada e exercida por Taunay, ou seja, a que se encontra nos relatos das viagens expedicionárias no Brasil do século XIX. A mescla circunstancial de militar e viajante explica e justifica, por um lado, a existência e o modo como se estrutura a descrição. Mas, aos mesmo tempo, o fato de ela só aparecer no volume das *Memórias*, escritas no final da vida e já no período republicano (por volta de 1893), muito tempo depois da experiência vivida (janeiro de 1866), faz pensar no potencial alegórico de contraponto histórico em relação às perspectivas memorialísticas anteriores, aí incluídas as da *Retirada da Laguna* (1871). Tento ser mais clara: se, por um lado, Taunay descreve um fenômeno da natureza brasileira tido como significativo por seu caráter exótico e de curiosidade a ser acrescentada ao catálogo àquela altura já volumoso das curiosidades brasileiras, por outro lado, o fato de só ter sido registrada na década de 90, a que se pode acrescentar o emprego de um vocabulário técnico que diz mais do momento histórico do que propriamente do inseto, faz pensar na aquisição de um olhar melancólico e nostálgicamente

atravessado pela história que lhe é contemporânea - proclamação da República e conflitos dos primeiros anos do novo sistema de governo. Exemplifico com um trecho:

"A larva é esbranquiçada, bastante parecida com o *cupim*, pesadona de corpo e com um abdômen grosso e estufado, **que lhe não permite translação rápida e até moderada locomoção**. Nestas condições, difícil lhe fora prover os meios de subsistência, de modo que, pungida pelo aguilhão do voraz apetite, peculiar ao seu estado de transição, se vê obrigada a recorrer à **mais engenhosa e bem concebida das armadilhas, de feição para assim dizer científica**.

Nesse intuito, traça no solo arento e fofo uma circunferência de quase meio palmo de diâmetro, curva fechada que descreve, com o maior **rigorismo geométrico**, de diante para trás, isto é, recuando sempre, desde o ponto de partida até voltar a ele.

Em seguida, põe-se a cavar de dentro da linha para o centro, atirando fora, por um movimento súbito e **balístico** da cabeça articulada, a terra sacada metódica e progressivamente no seguimento de linhas que, a princípio, parecem ao observador **circulozinhos concêntricos**, mas, melhor examinadas, são voltas de uma espiral cada vez mais apertada para o centro"⁴.

O aspecto de transição próprio à condição da larva coincide alegoricamente com a transição sob a qual vivia o Brasil da época, justamente num momento em que a guerra contra o Paraguai, e especificamente o episódio da Retirada da Laguna, teria exigido uma maior sofisticação técnica e científica para afrontar e vencer o inimigo. Presente num caso, o de quem vê a larva, e ausente no outro, o que vê a guerra, a técnica determinou finais diferentes em cada um deles. E o mesmo aspecto da transição pode ser estendido a outras situações da mesma obra e é na memória delas que os fios da memória vão sendo tecidos, sob a forma de várias tramas discursivas.

As comédias escritas pelo escritor - *Damão à boca se perde a sopa* (1874) e *Por um triz coronel!* (1880) - atêm-se ao mesmo momento histórico e procuram fazer a crítica de práticas políticas e sócio-econômicas da época. O humor que se vale, por um lado, do desvendamento da hipocrisia interesseira, presente nas conseqüências da oscilação no poder dos partidos políticos do governo Imperial e, por outro, dos riscos da especulação financeira dos

(4) TAUNAY, Visconde de - *Memórias*. Rio de Janeiro, Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 202.

primeiros anos do pós-guerra, encontra nas peças sua manifestação ficcional de crítica impiedosa, que faz lembrar inclusive algumas peças de Molière.

A descrição, a partir de sua gênese enquanto fruto do estoque de saberes adquiridos e acumulados, é entrevista em vários textos, dos técnicos aos ficcionais, perfazendo um caminho em que sua função muda, mas não a base de que se vale.

A minhaleitura de Taunay procura ainda analisar e descrever o que chamo de um grande "projeto nacional-monarquista", vislumbrado e mantido com veemência pelo escritor durante o período imperial, e nostalgicamente cultuado em vários de seus textos memorialistas dos primeiros anos republicanos. O título da tese me foi sugerido por José Veríssimo, em seu discurso fúnebre ao Visconde, e procura dar conta da infinidade de gêneros e objetos entre os quais o autor se deteve. A poligrafia pode abranger algumas acepções mais ou menos diferentes, sendo todas esclarecedoras de outras das razões pelas quais decidi escrever este texto. A primeira atribui à palavra o sentido de "Coleção de obras diversas, literárias ou científicas.". A minha tese, em certo sentido, significa o resultado do fato de ter "coleccionado" escritos de Taunay, e sobre Taunay. E disso dão conta os 146 títulos de sua autoria, os 36 documentos de sua lavra ou relativos a ele e os 172 textos críticos ou biográficos recolhidos, que ocupam boa parte de minha bibliografia. A diversidade é também um traço que distingue tais textos: a alternativa contida na coleção que abrange textos literários *ou* científicos não exclui a possibilidade de manter os do segundo termo da alternativa.

A outra acepção da palavra *poligrafia* é a de um conjunto de conhecimentos vários: disso dá conta a formação diversificada do escritor, o que o tornou capaz de escrever tanto os poemas de cunho clássico de 1862, que foram "esquecidos", já que não incluídos em sua *opera omnia*, até os famosos relatórios técnicos de que foi incumbido durante a guerra contra o Paraguai, passando pelos vários títulos de sua obra ficcional, com os vários romances, contos e peças de teatro.

A faceta anticlerical do escritor, já mencionada como tendo sido revelada desde o seu primeiro romance, de 1871, e que talvez tenha sido a responsável por um novo "esquecimento", pode ser conjugada ao que chamo de tendência enciclopedista de seus vários registros memorialísticos, fazendo lembrar as famosas intervenções francesas do século XVIII. Ou seja, a acumulação de conhecimentos e a vontade de abranger a totalidade deles encontram aqui e ali, e sob formas variadas, a sua manifestação freqüente.

Uma última questão é, dentre várias outras sobre a produção memorialística do escritor, a relativa à configuração mesma do texto narrativo

de suas *Memórias*. Trata-se de uma questão formal que tem a ver com o projeto memorialístico de Taunay, ou seja, a contradição textual que se estabelece entre o método a que ele se propõe e as várias contradições e traições a esse projeto. Se o método pretende ser cronológico, de perseguição ano a ano dos fatos marcantes de sua vida, a digressão rouba a cena e rompe com qualquer tentativa de fidelidade ao método. Trata-se enfim de um narrador que, depois de ter delineado o seu método e de pôr constantemente em dúvida a sua execução, se pergunta sobre a utilidade de tanto empenho em se voltar para o passado:

"Abro o meu velho álbum de desenhos, encadernado de marroquim verde bastante desbotado, e nele encontro datas do Coxim que por si só, sem razão nenhuma especial, deveras me melancolizam - 15 de janeiro, 10 e 11 de fevereiro de 1866. Já lá foram, pois, 26 anos bem completos, boa parte da minha existência e, entre as épocas de então e a de hoje, os períodos mais alegres, mais cheios e mais belos da vida que vivi ou tenha ainda que viver!

E, a tal respeito, entro agora em dúvida se é de prudência filosófica juntar elementos de recordação, assinalar nos tempos idos pontos mnemônicos como que fincar marcos à beira do caminho andado, a suscitarem um mundo de reminiscências, cujos espinhos nos arranham ou melhor nos pungem, de cada vez que o espírito se demore por um pouco junto deles, reconstituindo, em súbita evocação, cenas inteiras do longínquo passado.

Não será, decerto, melhor deixar-se ir à mercê da corrente e da sorte, aceitando os dias como se apresentam, bons ou maus, sem buscar nunca ligar o momento presente aos sucessos do futuro? Não será preferível esquecer, ver cair o véu do olvido após cada momento?

De que me serve tanta nota tomada, de que valem essas flores e folhas murchas, esses esboços de lugares que jamais, jamais tornarei a ver, todas essas instigações à vivacidade da memória? Para desconsoadores confrontos basta o que ela por si pode avivar nas brumas do que já foi, quando a alma olha para trás, à maneira do viajante que galgou elevados cimos e quer ter idéia das distâncias que venceu."⁵

(5) *Idem, ibidem*, pp. 210-1.